



TRÂNSITOS E MEDIAÇÕES DA ARTE NA ESCOLA: QUEM CONTA O IMPERDÍVEL?

TRANSIT AND ART MEDIATIONS IN SCHOOL: WHO TELLS THE UNLOSABLE?

Francione Oliveira Carvalho
Olga Maria Botelho Egas

Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF

Resumo

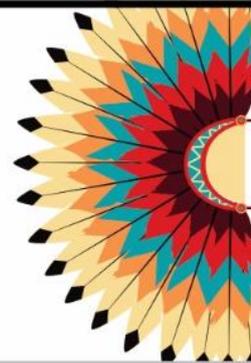
O artigo propõe refletir sobre a mediação cultural e a produção artística na escola. Para isso, analisa uma das proposições do Colóquio Arte em Trânsito 2017 intitulada *Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?*. O evento ocorreu no Colégio de Aplicação João XXIII na Universidade Federal de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. A ação proposta foi uma visita mediada pela exposição com os licenciandos de Pedagogia da UFJF tendo as crianças-artistas como mediadoras dos trabalhos. O artigo inicia contextualizando a ação proposta, aponta questões que surgiram a partir da experiência e tece diálogos com vasta produção teórica sobre mediação cultural na busca de uma análise crítica que possibilita ampliar conexões e reflexões sobre os territórios da mediação cultural e das experiências artísticas promovidas pela escola.

Palavras-chave: Mediação cultural; arte na escola; Pedagogia.

Abstract

The article proposes to reflect on cultural mediation and artistic production in school. For that, it analyzes one of the propositions of the Colloquy Art in Transit 2017 entitled *Children, artists, mediators: who learns with whom?*. The event took place at the João XXIII School, based at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), in the state of Minas Gerais, Brazil. The proposed action was a mediated visit to the exhibition with the undergraduate students of Pedagogy from the UFJF, having the children-artists as mediators of the works. The article begins by contextualizing the proposed action, pointing out issues that have arisen from this experience and weaves dialogues with a vast theoretical production about cultural mediation in the search for a critical analysis that allows to expand connections and reflections on the territories of cultural mediation and the artistic experiences promoted by the school.

Keywords: Cultural mediation; art in school; Pedagogy.



Introdução

O *Projeto Arte em Trânsito*, realizado desde 2011 no Colégio de Aplicação João XXIII, Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora, localizada no interior do estado de Minas Gerais, Brasil, tornou-se ao longo dos anos um espaço de referência para a experimentação e a reflexão sobre as possibilidades da arte na escola. O projeto é formado por dois núcleos de ações integradas que compõem um conjunto de atividades em torno do conhecimento da arte: 1. Dispositivos artísticos e 2. Dispositivos para formação docente.

No primeiro núcleo está a Mostra Cultural, formada pelos trabalhos artísticos dos alunos do Colégio de Aplicação, de outras instituições, e de artistas convidados; e a Residência Artística, experiência em que um artista após uma sequência de encontros e atividades propõe uma criação conjunta com os alunos da instituição. Já os dispositivos para formação docente; perpassam propostas de oficinas, cursos e palestras em outras localidades, encontros de Grupos de Pesquisas; catálogo pedagógico de Artes e Colóquio acadêmico.

No ano de 2017, a coordenação do evento convidou o *MIRADA - Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente* da Faculdade de Educação da UFJF para que assumisse a organização do Colóquio Arte em Trânsito.

Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa propôs diversas ações que problematizaram o impacto das múltiplas visualidades nos processos educativos e na formação do professor. O objetivo central do colóquio foi estabelecer o diálogo e a troca de experiências entre diferentes gerações de professores, principalmente os da área de Arte. Para isso propôs a aproximação entre os licenciandos de Artes Visuais e Pedagogia da UFJF e de outras instituições e as práticas pedagógicas do Colégio de Aplicação João



XXIII, bem como também das ações de professores da rede municipal de Juiz de Fora e estadual de Minas Gerais.

A partir dessa ideia, esta comunicação pretende refletir sobre uma das ações propostas no Colóquio Arte em Trânsito 2017 intitulada *Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?* A proposta foi realizar uma visita mediada pela exposição tendo as crianças-artistas como mediadoras dos trabalhos (figuras 1 e figura 2).

Para essa atividade foram convidados alunos(as) da Licenciatura de Pedagogia da UFJF.

Figura 1. Mediador da exposição Arte em Trânsito.



Fonte: própria.



Figura 2. Mediadora da exposição Arte em Trânsito diante da obra do artista Gabriel Ribeiro.



Fonte: própria.

Muitas questões surgiram desta experiência, tais como: quais dispositivos são necessários para que as crianças realmente se tornem mediadoras dos seus trabalhos invés de simples repetidoras de informações? Como trabalhar com a ansiedade das professoras, que muitas vezes, não abrem espaço para a autonomia do olhar e da fala das crianças, tornando-se “supervisoras” de mediação? Como pensar o espaço, o tempo e a relação com as pessoas envolvidas na experiência da mediação?



Mediar arte na escola tendo crianças-artistas como mediadoras provoca deslocamentos no pensar, criar e fruir arte? O que os (as) futuros professores, alunos(as) da licenciatura em Pedagogia (figura 3 e 4) poderiam aprender sobre arte com esta experiência? Essas são algumas das questões que mobilizam esta comunicação.

Figura 3. Alunos de licenciatura, pais, professores e alunos no espaço expositivo da escola.

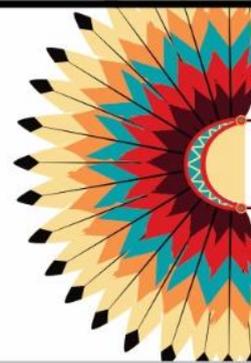


Fonte: própria.

Figura 4. Alunos de licenciatura adentrando o espaço expositivo da escola.



Fonte: própria



Desenvolvimento

Inicialmente é importante contextualizar o que foi pensado e o que realmente aconteceu. Pois, a partir desta reflexão já é possível identificar questões que deveriam ter sido mais cuidadas na construção da ação *Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?* proposta por nós. Durante a gestação do Colóquio Arte em Trânsito, nas reuniões de trabalho do MIRADA, debatemos a necessidade de aproximarmos no evento não somente os professores e alunos de Artes Visuais, mas também os estudantes da Licenciatura em Pedagogia, considerando que Arte na Pedagogia é uma de suas linhas de pesquisa.

Assim, definimos ações que pudessem colaborar na formação e na fruição da arte por este público, tal como expandir as referências sobre a arte na escola. Ampliar a compreensão sobre a produção artística de crianças. Propor o território da escola como dispositivo de mediação cultural.

Acreditamos que a mediação cultural entre arte e público é uma ação que carrega em si a potência dos encontros, da resignificação e da sensibilidade. Nesse sentido, a mediação cultural, seja na sala de aula ou nos espaços expositivos, entre outros, precisa ser pensada como uma ação específica para provocar o olhar cognitivo do fruidor, mas também conscientizá-lo de outras nuances presentes nas obras ou em sua relação com ela (Figuras 5 e 6).

Ao instigar processos de recriação e percepção de mundo e o contato mais sensível e ampliado com o Outro, a mediação cultural se torna essencial na formação dos licenciados em Pedagogia, futuros educadores.

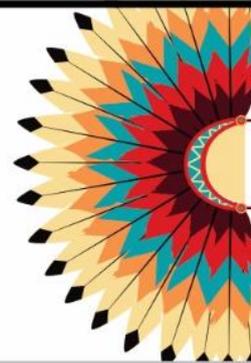


Figura 5 e 6. Licenciandos de Pedagogia, crianças-artistas e público em geral em um dos espaços expositivos da escola.



Fonte: própria.

Com este foco propusemos a ação *Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?*, Encaminhando à coordenação do evento a seguinte orientação: Uma visita mediada pelo Arte em Trânsito tendo as crianças como mediadoras. Em seguida, roda de conversa onde as crianças falam sobre suas criações, arte e interesses e compartilham suas experiências com as (os) alunas (os) de Pedagogia. Com estas orientações, a visita foi organizada pelas professoras de arte do Colégio de Aplicação João XXIII. As crianças escolhidas para a ação foram aquelas que se disponibilizaram



para o desafio, e, que aos olhos das professoras, conseguiriam lidar com a situação extraordinária que ocorreria na escola.

Os licenciandos em Pedagogia, dispensados das atividades acadêmicas, no dia e horários marcados, compareceram ao evento no Colégio e todos nós acompanhamos a visita mediada. Graduandos, professores e pais constituíram o grupo de 40 pessoas que seriam guiados por crianças, previamente escolhidas pelas professoras de arte. Estas se juntaram ao grupo e saímos pelo Colégio de Aplicação, observando as produções artísticas dos artistas convidados e dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, distribuídas nas paredes dos corredores, salas de arte e galeria, alguns pilares e paredes externas dos pátios do João XXIII (figura 7).

Figura 7. Visita a galeria de arte da escola batizada com o nome de um antigo professor de Arte do Colégio João XXIII.



Fonte: própria.

Entretanto, após a realização dessa ação percebemos que fomos omissos em várias questões, relativas à clareza conceitual sobre mediação cultural e o



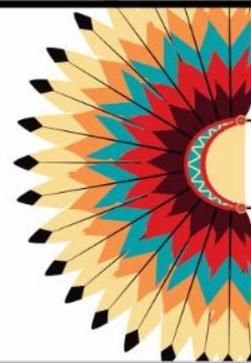
compartilhamento de nossas próprias expectativas enquanto organizadores do evento, tais como:

- O que compreendemos por mediação cultural e de que maneira ela pode se tornar um dispositivo para aproximar os licenciandos de Pedagogia dos territórios da arte e da cultura? (figuras 8, 9, 10).
- O que se espera de um mediador? Como se instaura os processos de mediação?
- Quais as potencialidades, fragilidades e cuidados que devemos ter ao privilegiarmos crianças como intercessoras entre a produção artística e o público?

Figura 8, 9, 10. A mediação cultural como um encontro que estimula novos olhares e experiências.



Fonte: própria.

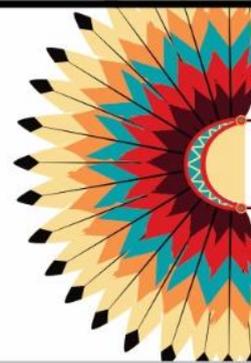


Dessa forma é importante registrar que corroboramos o que afirma o Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural e Contaminações Estéticas, coordenado por Mirian Celeste Martins (2005, p.55):

a mediação implica em uma ação fundamentada e que se aperfeiçoa na consciente percepção da atuação do mediador que está entre muitos: as obras e as conexões com as outras obras apresentadas, o museu ou a instituição cultural, o artista, o curador, o museógrafo, o desenho museográfico da exposição e os textos de parede que acolhem ou afastam, a mídia e o mercado de arte que valorizam certas obras e descartam outras, o historiador e o crítico que as interpretam e as contextualizam, os materiais educativos e os mediadores (monitores ou professores) que privilegiam obras em suas curadorias educativas, a qualidade das reproduções fotográficas que mostramos (*xerox*, transparências, *slides* ou apresentações em *PowerPoint*) com qualidade, dimensões e informações diversas, o patrimônio cultural de nossa comunidade, a expectativa da escola e dos demais professores, além de todos os que estão conosco como fruidores, assim como nós mediadores, também repletos de outros dentro de nós, como vozes internas que fazem parte de nosso repertório pessoal e cultural. O estar entre da mediação cultural não pode desconhecer cada um desses interlocutores e o seu desafio maior: provocar uma experiência estética e estésica.

Reconhecemos que ao longo da visita mediada surgiram ruídos e ênfases desnecessárias e, ainda, exclusão de aspectos que poderiam tornar o encontro entre os processos de criação das crianças e a curiosidade dos licenciandos sobre arte na escola ainda mais significativo. De certa maneira, não nos demos conta de que sendo uma experiência coletiva de mediação cultural, deveríamos juntos, propositores desta ação e professoras de arte do Colégio, depurar previamente a compreensão de mediação como um *estar entre muitos*.

Vimos que nos faltou justamente conectar todas as ações necessárias e os interlocutores envolvidos nesta proposição. Nossa intenção inicial era de que as crianças pudessem comentar sobre o processo de trabalho e criação que estiveram envolvidas e



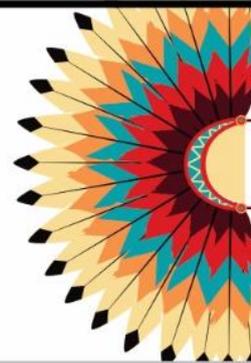
compartilhassem suas experiências com os estudantes de Pedagogia, enquanto estes propusessem questões e também compartilhassem suas vivências.

Entretanto, encontramos crianças assustadas com o peso da tarefa; estreitos corredores escolares que não permitiram a espontaneidade desejada; sons externos, interferências de outros estudantes do colégio e intervenções típicas da rotina escolar e ainda, excesso de pessoas para tais espaços. E por fim, não houve a roda de conversa para compartilhamento sobre os processos criativos das crianças em diálogo com as percepções sobre a Mostra na visão dos alunos de Pedagogia.

Participar de todo o processo de criação, concepção e desenvolvimento de uma exposição é fundamental para uma boa mediação. Entretanto, a despeito de nossas expectativas, o fato é que as crianças não estavam preparadas para conversar sobre todas as produções artísticas criadas por diversas turmas ou ainda eleger suas preferidas e discorrer sobre elas. Diante disso, os cinco alunos incumbidos da tarefa, foram responsáveis por apresentar apenas a produção de trabalhos pré-estabelecidos pela professora, criando uma dinâmica semelhante aos seminários escolares, onde cada aluno é responsável pela sua “parte”, sem noção do tema completo do seminário.

Tal situação também estimulou que as professoras assumissem a função de supervisoras das falas e das ações dos alunos, culminando na inversão dos papéis, sobressaindo a voz docente. Como diz Barbosa (2009) uma exposição não se vigia, se media, se acompanha, se cuida. Entretanto, como implicar-se na tarefa sem vigilância? Reconhecemos que a falha foi nossa, propositores da ação, e não das professoras, que fizeram o possível para que as crianças ficassem mais confortáveis e que a proposta da visita mediada se efetivasse.

Ana Mae Barbosa (2009) ao analisar os processos de mediação usados em diversas instituições culturais aponta estratégias recorrentes que enfraquecem a experiência de mediação cultural: mediadores que direcionam o olhar do visitante



somente para as obras sobre as quais se prepararam para falar; visitas “guiadas” com informações decoradas e que reafirmam a proposta do curador da exposição ou do diretor do museu; pedagogia questionadora repetitiva: “Exemplo, o visitante pergunta: “Por que tem essa cruz aí?”. O educador responde: “Por que você acha que a cruz está aí?”. Isso uma ou duas vezes é suportável, mas se acontecer constantemente ao longo da visita comentada é um desastre” (p.18)

Figura 11 e 12. Aluno-artista observa o trabalho dos colegas e se assusta ao deparar-se com a própria produção na parede.



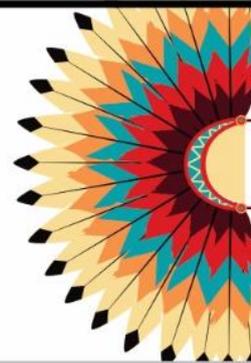
Fonte: própria.

No longo percurso da exposição, que se estendia por dois prédios e dois andares, as crianças mediadoras não puderam selecionar as produções que gostariam de mediar porque participaram do processo de trabalho ou porque, enquanto fruidoras, foram tocadas pela proposta do outro (figura 11 e 12). Na mediação cultural, da mesma forma que é o observador que deve escolher o que analisar com a ajuda do mediador, também é o mediador que deve selecionar as propostas que o move a experienciar e a pensar coletivamente. Pois é pela seletividade que a experiência estética começa a brotar.

Naquela manhã de primavera ensolarada ouvir o discurso programado das crianças na escola nos transportou para uma experiência similar ocorrida tempos atrás, em outro local. Estávamos passeando como turistas em Piaçabuçu, cidade ribeirinha

Revista Cocar

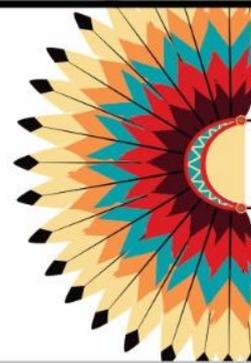
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



com quase 20 mil habitantes, distante duas horas de Maceió, Alagoas. Enquanto aguardávamos em solo, nas margens do rio, o horário de partida do barco que nos levaria até o Delta do Rio São Francisco, iniciamos uma conversação com três garotos de nove e dez anos, moradores locais que estavam próximos à embarcação. Assuntos triviais sobre o cotidiano deles e da cidade, a rotina escolar, como passavam o tempo, como usufruíam das águas verdinhas do rio naquele calor excessivo foram respondidos entre sorrisos, falas entrecortadas pela animação do trio e um certo orgulho ribeirinho em narrar suas histórias e ensinar sobre Piaçabuçu para nós, turistas. Por outro lado, queriam saber de onde vínhamos, perguntavam sobre nossas profissões, sobre a vida na cidade grande e rapidamente, estabelecemos uma proximidade e nos chamávamos pelo nome. O mais velho, fã do Corinthians, time de futebol paulistano, ajudava o pai no catamarã, o irmão mais novo e o primo, cuidavam das amarras da embarcação no píer e, anunciaram ser torcedores do *Galo da Praia*, alcunha do CRB, time alagoano.

Quando foi iniciado o passeio que percorreria o Velho Chico até o enorme banco de areia existente na foz onde o rio encontra o Oceano Atlântico, tal proximidade se desfez. O garoto assumiu o papel de guia turístico, empostou a voz, se apresentou novamente e falou conosco como se não nos conhecêssemos antes. Durante o incrível percurso de ida até as dunas, com duração de sessenta minutos, João Miguel foi recitando o texto decorado sobre fatos históricos e curiosidades locais, perdeu a espontaneidade tão carismática e deixou de sorrir.

Voltando à nossa visita mediada no colégio, de certa forma, aquelas crianças também diziam um discurso, talvez, ensaiado para agradar “turistas”, como fez João Miguel. Ao nos depararmos com pequenos corpos tensionados, olhares furtivos e vozes trêmulas, percebemos imediatamente a fragilidade de nossa proposição. Para Martins; Picosque & Guerra (2010) o que “decoramos” não fica em nós. “É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que, no decorrer do tempo, é esquecido. Não



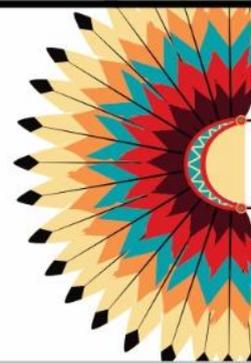
faz parte de nossa experiência” (p. 39). Pretendíamos oferecer uma experiência de mediação entre crianças e futuros professores na busca de que ambos pudessem experimentar e compreender conceitos, processos e valores relativos a presença da arte na escola. Entretanto, não nos atentamos às articulações necessárias para o êxito das ações necessárias entre as crianças/artistas/mediadores e os interlocutores envolvidos nesta proposição.

Ainda assim, nos indagamos se as crianças e os estudantes de pedagogia teriam construído sentidos ao longo da visita mediada? Quais?

Considerações finais

O professor Agnaldo Farias (2007), diz que o “professor nada mais é do que um sujeito muito animado e otimista, que resolve contar para as outras pessoas um monte de coisas que elas não conhecem, e que ao seu ver, são imperdíveis” (p.67). Como professores, no afã de “contar o imperdível” aos nossos alunos, por vezes, não damos espaço para que o outro nos conte um monte de coisas imperdíveis também. Com bastante frequência, nos deparamos com mediadores que nos contam o “imperdível” de determinada obra artística sem considerar outras questões igualmente importantes e complexas.

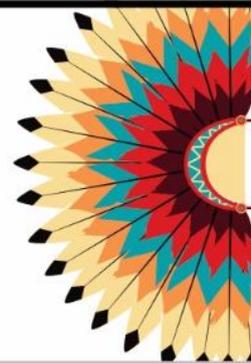
Neste caso, nos ensina Martins (2012), que a mediação “se enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, acrescidos de outros trazidos por teóricos e estudiosos que podemos apresentar rompendo com preconceitos estereotipados, ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações” (p.16). Durante a mediação é imprescindível ampliar a compreensão da arte através da socialização desses diferentes pontos de vista, ultrapassando a falsa ideia de que o mediador, seja ele teórico, monitor ou professor, detém a verdade sobre a obra.



É importante lembrarmos que a ação mediadora possui dimensões que precisam ser destacadas como nos aponta Coutinho (2007), tais como levar em consideração não somente o contexto da obra, mas também o contexto dos mediadores, do público, da museografia e da curadoria. Cada um deles possui um repertório ou contexto que influencia na ação de mediação.

Corroborando, Martins (2012) afirma que para além das possibilidades físicas ou materiais, o mediador precisa criar situações de encontro com a arte como objeto de conhecimento, para ampliar a leitura e compreensão do mundo de tal forma que os aprendizes percebam o quanto homens e mulheres, em diferentes tempos e lugares, expuseram seus sonhos e desejos, esperanças e dificuldades, suas culturas e o modo particular e individual de explorar a linguagem da arte. Nesse sentido, para a autora, mediar é também, proporcionar o acesso a como outras crianças jovens e artistas, de outros tempos e lugares, produziram artisticamente. Bem como, propiciar espaços de recriação da obra. Sugere ao professor que é preciso “acreditar no aprendiz e, por isso, dar crédito à sua voz, desejos e produção” (2012, p. 19), e implicar-se na busca por encontrar brechas de acesso para a percepção criadora e a imaginação que instiga, caleidoscopicamente, infinitas combinações.

Em *Crianças, artistas, mediadoras: quem aprende com quem?* nós, propositores da ação, aprendemos com as crianças que certas dimensões do contexto da visita não podem ser subestimadas. A mediação cultural é uma prática que se constrói em grupo, portanto, ela deve iniciar-se desde as primeiras ideias e esboços do que se pretende construir coletivamente na escola. Além do planejamento cuidadoso das ações artísticas



e pedagógicas que estarão envolvidas nos trabalhos, devemos atentar-se às questões de curadoria, de montagem, do uso do espaço e da maneira como o público da escola se relacionará com as obras. Afinal, a mediação pode ser compreendida como um encontro, mas, não como qualquer encontro. Um encontro sensível, atento ao outro, com qualidade e intensidade, para ampliar conexões possíveis e uma interação especial que afete a experiência de alunos, professores, funcionários e todos que entrarem em contato com as produções expostas na escola. A experimentação e a investigação são fundamentais para uma aprendizagem inventiva tal como apontada por Kastrup (1999), que defende que a experiência e a dúvida devam estar em primeiro plano em qualquer processo educativo. Concordamos com a autora, pois acreditamos que a experiência se torna estética quando vivenciada de maneira plena, onde ação, sentimento e significação tornam-se uma coisa só.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In *Arte/educação como mediação cultural e social/ Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho (Orgs.)* – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

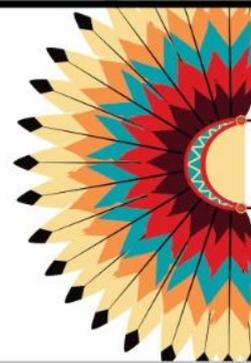
FARIAS, Agnaldo. Entre a potência da arte e sua ativação cultural: a curadoria educativa. In GRUPO DE PESQUISA Mediação Arte/Cultura/Público: Mediando [con]tatos com arte e cultura. MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, nov. 2007.

COUTINHO, Rejane. Entre o Encontro e a provocação: a ação mediadora. In GRUPO DE PESQUISA Mediação Arte/Cultura/Público: Mediando [con]tatos com arte e cultura. MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, nov. 2007.

GRUPO DE PESQUISA Mediação Arte/Cultura/Público. Mediação: provocações estéticas. MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, out.2005.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



GRUPO DE PESQUISA Mediação Arte/Cultura/Público: Mediando [con]tatos com arte e cultura. MARTINS, Mirian Celeste (Coord.). Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, nov. 2007.

KASTRUP, Virginia. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo nos estudos da cognição. São Paulo: Papirus, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, Terezinha. Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD. 2010.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012.

Sobre os autores

Francione Oliveira Carvalho

Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com Pós-Doutorado em História pela FFLCH/USP. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da FFLCH/USP. Líder do Mirada – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente cadastrado no CNPQ/UFJF.

Contato: francioneoliveiracarvalho@gmail.com

Olga Maria Botelho Egas

Doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vice-líder do Mirada – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente cadastrado no CNPQ/UFJF. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas e do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia, ambos sob coordenação da Prof^a Dra. Mirian Celeste Martins (UPM/SP).E-mail:olga.egas@ufjf.edu.br

Recebido em: 27/06/2018

Aceito para publicação: 20/08/2018

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará

